Editorial

SE PERGUNTÁSSEMOS AOS ESCRITORES por que escrevem, encontraríamos um universo nada alheio àquele quando nos dispomos a escrever a clínica, a debulhar os conceitos, a interrogar os discursos, ali onde eles se propõem a tratar o real. Escrevemos para fazer disso tudo uma escrita possível, necessária, contingente...

Os escritores ensinam que é sob o insuportável que a escrita se faz. Ela se faz do que não se suporta e escreve, apesar do fracasso. "A prática da letra converge com o uso do inconsciente"[1], assinalou Lacan, em homenagem a Duras.

Para Lispector, "[...] escrever é o modo de quem tem a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu"[2]. Maria Gabriela Llansol poderia completar: "Mas a escrita que me abrange é poder iluminativo, e finalidade de vida que causa temor. O Temor da escrita. Dela é mais preferível não falar do que falar"[3]. E Hélia Correia, mais incisiva: "Agindo sob o pavor da morte, os humanos criam a ilusão do tempo pondo as palavras por escrito. Mas a verdade é que o tempo vai nutrir a morte: dando tempo ao que existe é a morte que alimentamos". Com Michel Schneider, ainda aprenderíamos que há uma insônia do escrever, "noite branca em que me afundo, escrevendo, no impossível desejo de escrever (...)"[4].

Escrever apesar do impossível da escrita, escrever apesar de seu fracasso: "Se soubéssemos algo daquilo que se vai escrever, antes de fazê-lo, antes de escrever, nunca escreveríamos. Não ia valer a pena [...] Escrever apesar do desespero. Que desespero, eu não sei, não sei o nome disso. Escrever ao lado daquilo que precede o escrito é sempre estragá-lo. E é preciso no entanto aceitar isso: estragar o fracasso significa retornar para um outro livro, para um outro possível desse mesmo livro."[5]

É por essa via que insistimos em publicar aquilo que nos interroga. O necessário do fracasso nos impõe a escrita. Toda forma discursiva, ao tentar escrever o impossível, esbarra no fracasso porque o gozo, interditado ao ser falante, diz de uma extração da qual resta apenas o significante como representante, e este só pode nomear parte do que foi escrito.

Aprendemos com Lacan que há várias formas de escrever que jogam diferentemente com o impossível, entrevendo uma relação entre escrever e as maneiras que fazem sempre

[1] Lacan. *Autres écrits* (2001, p. 193)

[2] Lispector. *Água viva* (1998, p. 20)

[3] Llansol. *Um falcão no punho* (1985, p. 134)

[4] Schenider. *Ladrões de palavras* (1990, p.10)

[5] Duras. *Escrever* (1994, p. 27)

um certo apagamento do que se escreve. Há uma homofonia, subscrita por Lacan, entre *l'écrit et l'éffaçons* (o escrito e o apagamento) e *les façons* (maneiras, formas). Escrever e as maneiras de apagamento não se dissociam. Escrevendo e exibindo maneiras de apagar em cada escrito, interrogamos os conceitos, para que eles tenham uma efetividade – certo tratamento do Real que a clínica impõe. Nessa direção, *Stylus 8* expõe textos que focalizam, sob óticas diversas, *sujeito e gozo.*

O gozo, sendo real, impossível, tem sobretudo o caráter de efetividade, que se mostra nos sintomas por traços que os significantes tentam nomear, e por traços não significantizáveis – o real do sintoma – que marcam a diferença mais absoluta de cada sujeito. Não existe sujeito sem sintoma e sem uma modalidade própria de gozar.

Para a psicanálise, o sujeito não é uma substância, não tem qualidade. Efeito do significante, sujeitado a uma determinação significante, ele é apenas representado. Ele pode, contudo, ser um sujeito responsável analiticamente por aquilo que o determina – conforme formalizado por Lacan no discurso do analista – ao extrair a singularidade de seu gozo, marcas de seus significante-mestres. Isso faz diferença, por exemplo, no tratamento dado ao real na velhice. Mas como pensar a velhice a partir da noção de sujeito que não envelhece?

Conforme sinaliza Dominique Fingermann, "Há um tempo necessário, por causa de uma falha no tempo que constitui o sujeito. Há um tempo necessário pois é somente depois de um longo desvio que pode advir para o sujeito esse saber de sua rejeição original [...]. Há um tempo necessário para se fazer ser, fazer-se ao ser, acostumar-se à insustentável leveza."

O sujeito como efeito das inscrições no tempo: um tempo que passa, um tempo que retroage e um tempo que faz corte. O nó borromeu em seus três tempos – enodamento, orientação das consistências e colocação no plano – tornam efetivo o circuito subjetivo, indica Henry Krutzen. Algo pode ser lido a partir do que se escreveu. Três tempos da constituição do sujeito que têm como corte o que Lacan introduziu como tempo lógico. A análise inscrita pelo tempo lógico introduz um corte entre o tempo que passa e o tempo que retroage, no instante mesmo de sua aparição pelo manejo da transferência. Seria essa lógica suficiente para operar com a crença do sujeito, interroga-se Christian Ingo Lenz Dunker: "[...] é o ato que pode interromper a cadeia de suposições transformando o saber em acreditar, ou seja, passando do saber à verdade". Nessa direção, podemos deduzir que o sujeito se mede pelos atos?

Ou, nos termos de Daniela Scheinkmann: "A prática analítica, a da fala, da linguagem, deixa o sujeito contar, relatar, dizer, mas da mesma forma subtrair-se gradualmente à 'cifra mortal de seu destino', que lhe foi dada pelo Outro primordial".

Pelo ato, pelo tempo de conclusão de uma análise, nos lembra Maria Célia Delgado, o "sentido não passa de '*pas de sense*' – passos de sentido –, que passo a passo no decorrer da análise vão se encaminhando ao '*pas de sense*' – sem sentido".

O sujeito encontra, ainda, diferentes estatutos conforme sua posição na estrutura discursiva formalizada por Lacan. A psicanálise pode subverter o sujeito do discurso capitalista? Sua eficácia diante do mestre atual estaria na estrutura do ato, já que o ato analítico – contrapondo-se ao ato médico – constitui-se, exatamente, num momento sem fiador, sem garantia e sempre avesso à prescrição? Quais as diferenças entre a solidão inscrita no percurso de uma análise e a solidão advinda pelos efeitos do discurso capitalista? Estas e outras questões têm tratamento rigoroso e clínico de Carmen Gallano em sua entrevista concedida a *Stylus*.

Por via semelhante, Vera Pollo, propondo-se a abordar o lugar do corpo entre psicanálise e ciência, indaga como os psicanalistas podem se posicionar diante da ciência, que "não-quer-saber-nada" da verdade como causa. Como enfrentar a falha "epistemo-somática por meio da qual o objeto *a* se realiza sobre o corpo?" Ou seja, como tratar o gozo que se inscreve nos fenômenos psicossomáticos, atravessa a dor, delimitando, como indica Elaine Foguel, uma relação estreita com o gozo do Outro, que "não se inclina diante das leis da linguagem" e faz surgir a dimensão do organismo?

Diferente é o destino do que se escreve de repetição sob a forma lúdica do *Fort-Da*, como simbolização, introduzindo uma mediação da linguagem da criança com o Outro, tal como abordado no texto de Lenita Lemos Duarte. Destino diferente é ainda, como assinala Eliane Schermann, o corpo que, na histeria, "fala" e "é falado" pelo "gozo-sou", introduzindo a pergunta "sou homem ou mulher?" "No sintoma, o corpo 'fala' o texto do simbólico, que se manifesta nas letras de gozo que o animam".

Que diferenças existem do pai traumático e que *pére-severa* da histérica, da função do Pai na neurose obsessiva, articuladas por Maria Helena Martinho, já que "encontramos, na clínica do obsessivo, a conjugação de dois significantes no Outro: o pai e a morte, denotando a articulação da lei com o assassinato do pai"?

Ao circunscrever questões fundamentais à psicanálise, os textos ainda trazem à baila a atualização da clínica e da direção do tratamento, bem como resenhas pelas quais o leitor pode chegar a outros escritos.

Escrever, ler, é poder re-ler e re-escrever a partir do ponto pelo qual cada um é convocado a "colocar algo de si", para que, malgrado a invasão de tantos escritos publicados, a escrita da diferença faça aqui um estilo.

Ângela Mucida

referências bibliográficas

Lacan, Jacques. Hommage fait à Marguerite Duras, du ravissement de Lol V. Stein. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

Lispector, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Llansol. Maria Gabriela. *Um falcão no punho, Diário I*. Lisboa: Rolim, 1985.

Schneider, Michel. *Ladrões de palavras*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

Duras, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.